

Minha mentirinha

Cheguei da escola bem atrasado. O Júnior tinha aparecido com uma bola nova e a gente é claro que tinha de experimentar a novidade no pátio. O bedel, que entendia dessas necessidades, sempre deixava a gente se divertir um pouco antes de aparecer fingindo cara de bravo e mandando a gente pra casa.

E agora? Bom, daí eu resolvi inventar que o ônibus tinha quebrado pra me desculpar pelo atraso.

Quando eu sentei à mesa para o almoço que a vovó tinha requentado no microondas, o vovô olhou firme para uma marca de bolada na minha camisa, para o meu joelho esfolado e, com aquele jeito carinhoso dele, passou a mão pelo meu cabelo e sorriu:

– Ah, no meu tempo, isso não teria acontecido...

– Ué, vô! No seu tempo os ônibus não quebravam? – perguntei, assustado, para proteger a mentira.

– Ah, ah! – riu-se ele. – Essa cidade era um ovo, no meu tempo. Não tinha nem asfalto na nossa rua! A gente acordava cedinho e ia a pé pra escola. Eu só me atrasava na volta se alguém tivesse a ideia de um joguinho de futebol. Daí, quem haveria de resistir a uma partida antes do almoço?

Pronto! O danado do vovô tinha descoberto tudo! Será que ele ia entregar minha mentira para o papai, quando ele chegasse do escritório? Eu precisava desviar aquela conversa:

– Você gostava de jogar bola, vovô?

– Se gostava! A gente jogava na rua mesmo, que era de terra e por onde quase não passava carro nenhum. Mas no meu tempo o que era mais difícil era a bola. As que existiam eram chamadas “bolas de capotão”. Eram de couro cru, com gomos costurados a mão e custavam uma fortuna. A gente jogava mesmo era com bola de meia.

– Bola de meia?! O que é isso?

– A gente pegava uma meia velha, enchia de trapos, dava um nó no cano da meia, envolvia tudo com barbante bem apertado e pronto! O problema é que a bola não quicava, pois não tinha câmara de ar por dentro. Mas dava pra chutar e driblar que era uma beleza! – vovô ergueu os olhos como se pescasse uma lembrança gostosa no teto da sala. – Ah, mas o que a gente queria mesmo era uma bola de verdade, a gente sonhava com uma bola

de capotão! E aí... aí foi que aconteceu a nossa tragédia...

– Tragédia, vô? O que aconteceu?

– Como os pais da gente jamais arranjaríamos dinheiro pra comprar uma bola de verdade, nós resolvemos que o problema era nosso: cada um de nós ia poupar todos os tostões que conseguisse, de nossas mesadas minguadas. Passamos meses sem tomar sorvete, sem comprar balas, e sem ir à matinê aos domingos. Ah, perder os filmes do Carlitos e do Gordo e o Magro, que eu adorava! Mas a bola era mais importante e ninguém se queixou do sacrifício. As moedinhas iam sendo guardadas numa caixa de charutos que ficava debaixo da cama do Travessão, que era o mandão lá do nosso time. Até que... ah, daí chegou o dia em que a caixa já tinha o dinheiro suficiente para uma bola de capotão! E lá fomos nós, todos juntos, à loja do seu Nicanor, que importava as bolas da Inglaterra. E com que alegria nos juntamos logo depois da aula para a primeira partida com uma bola de verdade! Que alegria!

– Mas cadê a tal tragédia, vovô?

– Aconteceu no mesmo dia. A partida começou, mas a gente não estava acostumado com os pulos que aquela bola podia dar. Estávamos acostumados a encher o pé para que as nossas bolas de meia fossem com força suficiente para o gol. Mas, com a bola de capotão, era preciso aprender a dosar a força do chute e... bom, e o Travessão deu uma bica daquelas e a bola passou ventando por cima do muro de uma casa vizinha e – bumba! – chapou-se contra a parede da sala!

A história estava divertida. Talvez eu tivesse conseguido distrair o vovô. Na certa, ele ia esquecer de contar a minha escapada para o papai.

– E aí é que veio a tragédia... – continuou o vovô. – A dona da casa, uma fulana bem mal-encarada, veio lá de dentro com a bola e uma faca na mão. Olhou furiosa pro nosso lado e – lept, lept! – cortou a nossa bola inteirinha!

– Que horror, vô!

– Ninguém sabia o que dizer. Lembro que meus olhos se encheram de lágrimas. Mas o Travessão não chorou, não. Calmamente, pegou nossa bola de meia, desamarrou tudinho e enfiou uma pedra de bom tamanho lá dentro. Fechou tudo de novo, amarrou e ajeitou a bola no chão. Tomou distância e deu o maior chute da vida dele! E a bola recheada com pedra foi direitinho para a vidraça da velha malvada e – crás! – lá se foi vidro pra todo lado!

A narrativa parou nesse ponto e o vovô baixou os olhos pra mim. Eu engoli em seco e perguntei:

– Vô... Quando você se atrasava por causa dessas partidas você não levava bronca, vô?

– Claro que levava! E olha que eu não tinha nem a desculpa de dizer que o ônibus tinha quebrado... No meu tempo, a gente só andava de bonde. E não passava bonde na minha rua...

Eu mal conseguia engolir a comida. Olhei de lado para o vovô e perguntei:

– Você tinha avô, vovô?

– Tinha. Era um homem sério, de poucas palavras.

E agora? Eu estava perdido!

– Mas... e... quando você fazia alguma coisa errada, ele contava tudinho pro seu pai?

– Ora, é claro que não! – disse ele, largando o corpo para trás na cadeira e iniciando uma gargalhada. – Ah, ah! Eu não disse que ele era de poucas palavras?

Ufa! Que avô legal o meu! Eu estava salvo!

Fui atrás da vovó, que tinha deixado a louça na máquina de lavar pratos e sentava-se ao computador, conectando-se à Internet.

– Vovó, como você fazia para se ligar à Internet no seu tempo?

Vovó desviou os olhos do monitor, olhou séria para mim e respondeu:

– Ora, querido. Eu estou muito viva. Meu tempo é agora!